

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA: O DESPREPARO PARA ENFRENTAR A MORTE E O SEU PROCESSO DE MORRER, UMA REVISÃO DE ESCOPO

CHALLENGES IN BRAZILIAN MEDICAL EDUCATION: UNPREPAREDNESS TO FACE DEATH AND THE DYING PROCESS, A SCOPE REVIEW

Letícia Pereira **Gonçalves**^{1*}; Maria Luiza Alarcon Mady **Barbosa**¹; Maria Denise de Andrade **Souza**¹; Letícia Leite Pereira Costa **de Oliveira**¹; Vera Maria Silveira **de Azevedo**².

Resumo

Introdução: o despreparo por parte dos médicos brasileiros para lidar com a morte e o processo de morrer, em virtude da insuficiência na educação médica em incluir conteúdos que os preparem para aspectos emocionais e éticos relacionados à finitude da vida, reflete em práticas inadequadas como distanásia e falhas na comunicação. Assim, identifica-se uma necessidade de melhorar a formação médica para promover cuidados de fim de vida mais humanizados e reduzir o seu impacto emocional. **Objetivo:** identificar o preparo oferecido aos médicos durante sua formação em relação ao tema da morte, em que se destaca a importância de disciplinas como Cuidados Paliativos e Tanatologia. **Métodos:** trata-se de uma revisão de escopo, realizada em outubro de 2024, com caráter exploratório e descritivo, na qual foram selecionados seis artigos publicados entre 2014 e 2024, em que os critérios de seleção foram a abordagem direta do tema e a disponibilidade gratuita. **Resultados:** os estudos revelam uma carência significativa na formação dos médicos, marcada pela ausência de disciplinas específicas e pela abordagem fragmentada do tema. Esse *déficit* educacional afeta negativamente a relação médico-paciente-família e a qualidade dos cuidados no fim de vida. **Conclusão:** há uma importância significativa de integrar de forma sistemática conteúdos sobre morte e morrer nos currículos médicos para preparar profissionais mais empáticos e resilientes, que possam garantir uma assistência digna e humanizada aos pacientes em fim de vida.

Palavras-chave: educação médica; morte; esgotamento profissional.

Abstract

Introduction: Brazilian physicians' lack of preparation for dealing with death and the dying process, due to insufficient medical education to include content that prepares them for the emotional and ethical aspects of the finitude of life, is reflected in inappropriate practices such as dysthanasia and communication failures. Thus, there is a need to improve medical training to promote more humane end-of-life care and reduce its emotional impact. **Objective:** to identify the preparation offered to physicians during their training regarding the topic of death, highlighting the importance of disciplines such as Palliative Care and Thanatology. **Methods:** this is a scoping review conducted in October 2024. It was exploratory and descriptive in nature. Six articles published between 2014 and 2024 were selected, using the selection criteria for direct approach to the topic and free availability. **Results:** the studies reveal a significant deficiency in physician training, marked by the absence of specific disciplines and a fragmented approach to the topic. This educational deficit negatively impacts the doctor-patient-family relationship and the quality of end-of-life care. **Conclusion:** it is crucial to systematically integrate content on death and dying into medical curricula to prepare more empathetic and resilient professionals who can ensure dignified and humane care for end-of-life patients.

Keywords: medical education; death; job burnout.

INTRODUÇÃO

A morte é parte natural do processo biológico da vida humana. Embora, na sociedade ocidental, ela é geralmente descrita como algo indesejado e que ocasiona comportamentos de negação, como o afastamento de sua ocorrência e de pessoas diagnosticadas com doenças que ameaçam a vida e que estão sob cuidados paliativos. Atualmente, a morte, que antes ocorria predominantemente nas casas, está concentrada nos hospitais, tornando-se um elemento do exercício profissional, especialmente entre os médicos. Contudo, a dificuldade em lidar com esse processo frequentemente resulta em atitudes de distanciamento e dessensibilização por parte dos profissionais de saúde (Duarte; Almeida; Popim, 2015; Souza *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022).

Dessa forma, percebem-se comumente empecilhos como a comunicação de notícias difíceis, que frequentemente ocorre em locais sem privacidade, como corredores hospitalares e a ausência de discussão sobre a morte, que só é mencionada quando inevitável e geralmente acompanhada de eufemismos (Fonseca; Geovanini, 2013). Tudo isso transforma os hospitais em ambientes de conspiração do silêncio, comprometendo as relações médico-paciente-família, principalmente, no que se refere aos cuidados de fim de vida, refletindo os dados do estudo de Finkelstein *et al.* (2022), que classifica o Brasil como o terceiro pior país para se morrer entre os 81 países avaliados.

A relação dos profissionais com a morte é moldada por fatores culturais, religiosos, experiências pessoais e, principalmente, pela

formação acadêmica, que influenciam diretamente sua percepção e respostas diante da finitude da vida (Duarte; Almeida; Popim, 2015; Sartori; Battistel, 2017; Costa; Caldato; Furlaneto, 2019). No entanto, a formação médica também continua voltada para o combate às doenças, com pouca ênfase na compreensão do processo de morte, o que perpetua o desconforto e reforça a visão da morte como um fracasso, em vez de um processo natural (Duarte; Almeida; Popim, 2015; Costa; Caldato; Furlaneto, 2019; Melo *et al.*, 2022).

A graduação médica brasileira ainda apresenta incipiência na abordagem do tema da morte e do processo de morrer. Além disso, há uma desigualdade regional na distribuição de escolas médicas que incluem disciplinas como Cuidados Paliativos e/ou Tanatologia na grade curricular (Castro; Taquette; Marques, 2021; Guirro *et al.*, 2023). Essa desigualdade limita o acesso de estudantes e profissionais de diversas regiões a uma formação adequada, agravando o despreparo, especialmente emocional, e contribuindo para a baixa qualidade dos cuidados de fim de vida no país (Fonseca; Geovanini, 2013).

Segundo dados do estudo de Castro, Taquette e Marques (2021), mais de 50% das faculdades médicas que oferecem essas disciplinas estão concentradas na região Sudeste, que também detém a maior parte dos leitos, profissionais e serviços especializados, como apresentado no Atlas dos Cuidados Paliativos no Brasil publicado pela Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP) em 2023, que demonstra que 53% dos leitos e cerca de 42% da participação nacional em serviços de Cuidados Paliativos

encontram-se nos estados do Espírito Santo, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de São Paulo, sendo São Paulo o principal centro de cuidados de fim de vida do país (Guirro *et al.*, 2023).

Este estudo justifica-se pela necessidade de identificar os desafios da formação médica em preparar profissionais para lidar com a morte e o processo de morrer, promovendo mudanças que integrem a temática à educação médica. O objetivo é verificar, por meio de uma revisão de escopo, o conhecimento e o preparo dos médicos sobre a morte durante a formação, destacando a importância de disciplinas como Tanatologia e Cuidados Paliativos (doravante CP) para uma prática mais humanizada e equilibrada.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão de escopo, de caráter exploratório e descritivo, realizada em outubro de 2024. A pesquisa foi conduzida por dois pesquisadores (LPG e MLAMB). Os termos de busca utilizados foram: “Médico”, “Óbito”, “Paciente” e “Preparo”, combinados pelo operador *booleano AND*. As buscas foram realizadas nas seguintes bases de dados: *SciELO*, Periódicos Capes, *Lilacs*, *PubMed*, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico.

Foram incluídos no estudo artigos publicados entre 2014 e 2024, em Língua Portuguesa, que abordassem estudos qualitativos e quantitativos, e que estivessem disponíveis na íntegra de forma gratuita. Dessa forma, artigos publicados antes de 2014, em língua não portuguesa, não disponíveis na íntegra ou de acesso pago, e que não abordassem

integralmente a temática proposta, foram excluídos do estudo.

Para a seleção dos artigos, foram utilizadas duas ferramentas de apoio: *Zotero* e *ResearchRabbit*. O *Zotero* foi empregado como gerenciador de referências e para reunir os artigos disponíveis gratuitamente. Em seguida, os artigos foram importados para o *ResearchRabbit*, que permitiu a eliminação das duplicatas e possibilitou a seleção inicial por meio da leitura de títulos e resumos realizada por ambas as autoras.

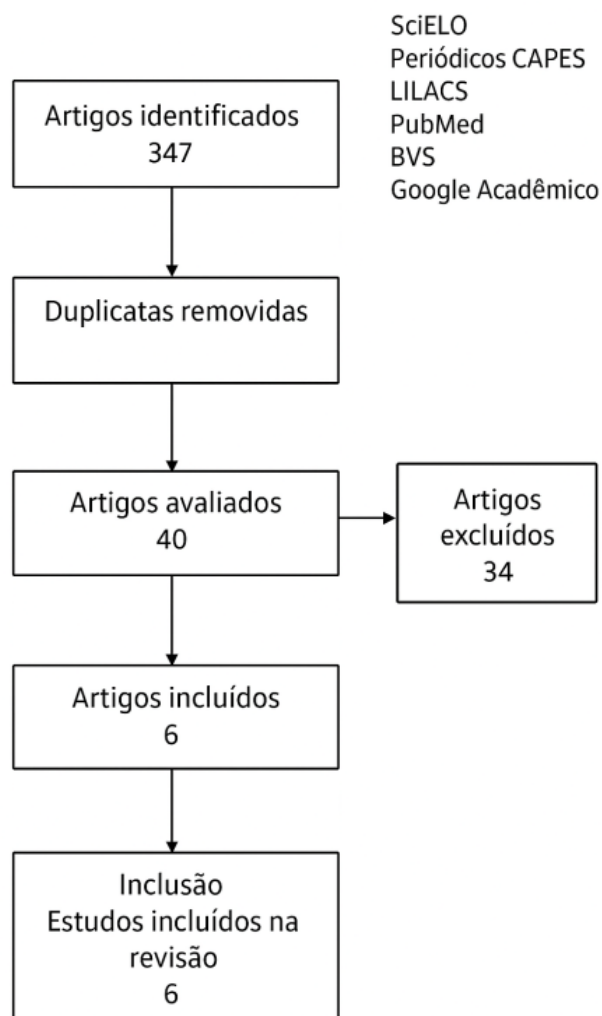
Os conflitos na seleção foram solucionados por meio de discussão até que alcançasse o consenso, sendo necessária, em diversos casos, a leitura integral dos artigos para verificar sua adequação à questão de pesquisa.

No total, foram identificados 347 artigos. Após a exclusão das duplicatas e daqueles que não atendiam aos critérios de elegibilidade, 40 artigos foram selecionados para leitura na íntegra. Destes, 34 artigos foram excluídos por não abordarem integralmente a temática, resultando em 6 artigos incluídos na revisão final.

Os dados extraídos desses estudos incluíram informações sobre a percepção dos estudantes de medicina quanto à sua preparação para lidar com a morte e o processo de morrer, os desafios na comunicação de notícias difíceis e no relacionamento com pacientes e familiares, especialmente no momento do óbito, a abordagem do tema nas grades curriculares, as estratégias de enfrentamento adotadas pelos estudantes e os impactos emocionais, éticos e profissionais decorrentes da escassez de discussão sobre a finitude da vida e os cuidados pa-

liativos durante a graduação. O fluxograma resume as etapas do processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos na revisão (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos artigos



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

RESULTADOS

A análise dos estudos revisados evidencia que os estudantes de Medicina, tanto de instituições públicas quanto privadas, demonstram um despreparo consistente para lidar com a morte. Esse *déficit* impacta dire-

tamente a comunicação de notícias difíceis, o relacionamento com pacientes e familiares e a condução dos momentos finais de vida. O quadro, a seguir, sintetiza os principais achados de cada estudo, destacando o tipo de estudo e os pontos centrais observados na formação acadêmica e na prática médica.

DISCUSSÃO

A lacuna na formação dos futuros profissionais de saúde é acentuada pela escassez de um ensino formal e aprofundado sobre questões éticas, como a eutanásia, a distanásia e a ortotanásia, que, conforme os achados, são amplamente desconhecidos por muitos futuros profissionais de saúde, o que possibilita o aumento da probabilidade futura de erros médicos (Castro; Taquette; Marques, 2021; Costa; Caldato; Furlaneto, 2019; Jesus *et al.*, 2021).

O despreparo observado está relacionado diretamente à ausência de disciplinas específicas e dedicadas ao estudo da morte e do processo de morrer nos currículos médicos. Tal lacuna obriga os estudantes a desenvolverem mecanismos de defesa, como o distanciamento emocional, para lidar com situações que evocam sofrimento (Duarte; Almeida; Popim, 2015; Melo *et al.*, 2022). Este distanciamento, embora soe como uma estratégia de proteção individual, pode agravar a experiência do paciente, prolongando seu sofrimento e comprometendo a qualidade da assistência.

O tema do fim de vida é abordado de maneira superficial nas grades curriculares das escolas médicas, sendo frequentemente inserido de forma fragmentada em outras

Quadro 1 - Principais achados da revisão

Artigo	Tipo de Estudo	Principais Achados
Percepção de formandos de medicina sobre a terminalidade da vida.	Revisão de escopo com abordagem qualitativa.	Os formandos de medicina sentem-se despreparados para lidar com a morte devido à ausência de disciplinas sobre Tanatologia e Cuidados Paliativos na graduação.
Percepção dos estudantes de medicina sobre eutanásia, ortotanásia e distanásia.	Estudo transversal descritivo de abordagem quantitativa.	Futuros profissionais de saúde desconhecem questões éticas como eutanásia, distanásia e ortotanásia; Ausência de discussões sobre terminalidade de vida na formação médica.
Morte e morrer na formação médica brasileira: revisão integrativa.	Revisão Integrativa.	Mais de 1/3 dos estudantes sentem-se despreparados para lidar com a morte e seus desdobramentos familiares; ausência de disciplinas específicas sobre a morte e o morrer na formação acadêmica; o distanciamento emocional como estratégia de enfrentamento da morte; o predomínio da ideia de que a medicina tem como foco único salvar vidas.
Educação para o Processo do Morrer e da Morte pelos Estudantes de Medicina e Médicos Residentes.	Estudo qualitativo descritivo.	Tema do fim de vida abordado superficialmente nas grades curriculares; falta de padronização para conteúdos sobre Cuidados Paliativos e ausência formal da disciplina nos currículos; despreparo dos estudantes e dos residentes para enfrentar situações de terminalidade da vida.
Sentimentos dos Estudantes de Medicina e Médicos Residentes ante a Morte: uma Revisão Sistemática.	Revisão sistemática.	A maioria dos estudantes e médicos sente dificuldades na comunicação de notícias difíceis, no manejo do sofrimento e na abordagem do processo de morrer; relatam sentimentos de angústia, impotência, medo e frustração diante da morte.
A abordagem da morte na formação de profissionais e acadêmicos da enfermagem, medicina e terapia ocupacional.	Estudo qualitativo descritivo.	A escassez de disciplinas específicas sobre a finitude da vida na formação médica; a convivência com a terminalidade da vida por meio de experiências pessoais e profissionais, com suporte frequentemente baseado na religião ou espiritualidade.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

disciplinas, o que contribui para a perpetuação da inaptidão dos futuros médicos em lidar com essa questão de forma sensível e humanística (Costa; Caldato; Furlaneto, 2019; Santos; Pintarelli, 2019).

Embora haja um reconhecimento crescente da importância de temas como Tanatologia e CP, a incorporação efetiva dessas discipli-

nas nos currículos ainda enfrenta consideráveis desafios. As Diretrizes Curriculares Nacionais (doravante DCN) de 2014, apesar dos avanços no tratamento do processo de saúde e adoecimento, falham em abordar de maneira eficaz o processo de morrer, deixando uma lacuna importante na formação desses profissionais (Sartori; Battistel, 2017; Guirro *et al.*, 2023).

A escassez de disciplinas específicas sobre a finitude da vida apresenta-se em diferentes realidades nas escolas médicas em todo o país. A falta de padronização para os conteúdos sobre CP e a ausência formal da disciplina nos currículos concretizam a desestruturação na educação médica brasileira. A fragmentação do aprendizado sobre a finitude de vida em pequenos grupos dentro das matérias como Geriatria, Medicina da Família e Comunidade e nas enfermarias clínicas, configura uma falha nas estratégias de ensino das instituições. Por outro lado, a tentativa de padronização do currículo para a inserção de uma matéria específica voltada aos Cuidados Paliativos enfrenta o desafio da carga horária já excessiva do currículo de medicina (Santos; Pintarelli, 2019; Castro; Taquette; Marques, 2021).

A carência na formação curricular associada aos processos da morte cria um ambiente de incertezas para os estudantes, fazendo-os acreditar que aspectos emocionais envolvidos no processo da morte atrapalham suas habilidades clínicas, tornando a morte dentro do hospital, muitas vezes, um processo frio e negligenciado pelos profissionais e discentes (Melo *et al.*, 2022).

Pesquisas feitas com estudantes de medicina demonstram que mais de um terço deles não se sentem preparados para lidar com a morte e seus desdobramentos familiares (Costa; Caldato; Furlaneto, 2019). A visão tecnicista criada em torno da prática médica torna a morte um tabu, significando fracasso do conhecimento médico e impotência e imperícia do profissional que está lidando com o paciente (Duarte; Almeida; Popim, 2015; Melo *et al.*, 2022).

A prática moderna afasta a morte da realidade humana no imaginário coletivo, o que contribui para a negação da morte como processo natural da vida. Consequentemente, os estudantes e os médicos, muitas vezes, acreditam que a medicina tem como foco único salvar vidas, dissociando a finitude humana da vivência médica (Santos; Pintarelli, 2019; Melo *et al.*, 2022).

Estudos realizados com alunos do 4.º e do 6.º ano atribuem grande valor à vivência prática para lidar com a morte, porém, dentro do ambiente hospitalar, a função de comunicar a morte aos familiares do paciente é atribuída a médicos experientes ou residentes, não expondo o aluno à necessidade de dar as “más notícias” ainda durante sua formação (Duarte; Almeida; Popim, 2015).

Dentro do ambiente hospitalar não se fala sobre a morte, mesmo entre os profissionais, fator que contribui também para a negação da linha natural da vida. No estudo feito por Sartori e Battistel (2017), uma das estratégias de enfrentamento utilizada pelos estudantes para desmistificar a morte e o processo da morte criado pela ciência moderna e carência curricular foi a espiritualidade.

Embora as DCN de 2014 (Brasil, 2014) e o parecer CNE/CES nº 265/2022 (Brasil, 2022), tenham representado um avanço na promoção de um ensino mais integrado no campo da saúde, com a abordagem dos processos de saúde e adoecimento, envolvendo multidisciplinaridade, fatores históricos e socioculturais, além dos aspectos biológicos, elas ainda falham na consolidação da institucionalização de disciplinas, como Cuidados Paliativos e Tanatologia, na grade curricular

obrigatória da medicina, com carga horária adequada e abordagem teórica e prática (Guirro *et al.*, 2023).

Portanto, é crucial que as escolas médicas revisem e ampliem seus currículos, incluindo de forma sistemática à educação sobre a morte e o morrer, com ênfase na formação de uma abordagem mais humanizada, especialmente no que diz respeito à comunicação de notícias difíceis e ao manejo do sofrimento no final da vida (Finkelstein *et al.*, 2022; Souza *et al.*, 2020). Por fim, como limitações, foram encontrados apenas seis artigos nacionais, evidenciando a escassez de discussão sobre o fim de vida no país.

CONCLUSÃO

Em suma, esta revisão de escopo, ao investigar a abordagem da morte e dos cuidados paliativos na formação médica brasileira, revela ser urgente a necessidade de incorporar de forma mais efetiva os princípios da humanização, visando à construção de relações médico-paciente mais autênticas e capazes de atender às complexas necessidades dos pacientes e suas famílias, em especial nos momentos finais da vida. Este estudo evidenciou que a maioria dos estudantes e médicos sente-se despreparada para lidar com a morte, o que se reflete em dificuldades na comunicação de notícias difíceis, no manejo do sofrimento e na abordagem do processo de morrer. Esse despreparo é consequência de um currículo que, apesar de avanços pontuais, ainda carece de uma abordagem adequada

e estruturada sobre a morte e os cuidados paliativos.

A escassez de disciplinas específicas, como Tanatologia e CP, no currículo de Medicina, perpetua a inaptidão dos futuros médicos em lidar com o fim da vida de maneira sensível e competente. A implementação dessas disciplinas é urgente, pois além de promoverem uma abordagem mais humanizada da morte, também desempenham um papel crucial na promoção da saúde mental dos estudantes e profissionais da área. Portanto, é imprescindível que as escolas médicas reavaliem seus currículos, integrando de forma consistente a temática da morte e do morrer, com o intuito de formar médicos mais preparados, empáticos e emocionalmente resilientes, capazes de proporcionar um fim de vida enquanto processo natural para os pacientes e de cuidar melhor de sua própria saúde mental durante essa jornada.



AFILIAÇÃO:

1. Discentes do curso de Medicina da Universidade Federal de Sergipe (UFS);
2. Docente do Departamento de Medicina da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

*E-mail do autor correspondente: lett_viegas@academico.ufs.br

ACESSO ABERTO



Este suplemento está licenciado sob Creative Commons Attribution 4.0 International License, que permite o uso, compartilhamento, adaptação, distribuição e reprodução em qualquer meio ou formato, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(is) e à fonte, forneça um link para o Creative Licença Commons e indique se foram feitas alterações. Para mais informações, visite o site <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 3, de 20 de junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. O documento foi publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 23 de junho de 2014, seção 1, páginas 8 a 11. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/2014/rces003_14.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 265/2022 - CES. Brasília, 17 de março de 2022. Homologado pelo Despacho MEC s/nº, de 01 de novembro de 2022. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=238001-pces265-22&category_slug=marco-2022-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 nov. 2024

CASTRO, A. A.; TAQUETTE, S. R.; MARQUES, N. I. Cuidados paliativos: inserção do ensino nas escolas médicas do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 2, e056, fev. 2021. DOI: 10.1590/1981-5271v45.2-20200162. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/pR3GCf6tHgvv6H5bVLc6yWP/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2024.

COSTA, T. N. M.; CALDATO, M. C. F.; FURLANETO, I. P. Percepção de formandos de medicina sobre a terminalidade da vida. **Revista Bioética**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 661-673, out./dez. 2019. DOI: 10.1590/1983-80422019274349. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/PhdXdneyWR3Z5NWrmvqww8RJ/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

DUARTE, A. C.; ALMEIDA, D. V. de; POPIM, R. C. A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 19, n. 55, p. 1207-1219, 2015. DOI: 10.1590/1807-57622014.1093. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/3Dv8JJwysg6hH6XGdQc6FvP/?format=html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FINKELSTEIN, E. A. *et al.* Cross country comparison of expert assessments of the quality of death and dying 2021. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 63, n. 4, p. e419-e429, abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2021.12.015>. Disponível em: [https://www.jpsmjournal.com/article/S0885-3924\(21\)00673-4/fulltext](https://www.jpsmjournal.com/article/S0885-3924(21)00673-4/fulltext). Acesso em: 03 set. 2025.

FONSECA, A.; GEOVANINI, F. Cuidados paliativos na formação do profissional da área de saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 120-125, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/DJvJFwxSSZ9CDBxkvMmHYfj/?lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2025.

GUIRRO, U.B.P. *et al.* **Atlas dos cuidados paliativos no Brasil**. São Paulo: Academia Nacional de Cuidados Paliativos, 2023. Disponível em: <https://cuidadospaliativos.org/uploads/2024/1/Atlas-ANCP.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

JESUS, B. M. B. *et al.* Percepção dos estudantes de medicina sobre eutanásia, ortotanásia e distanásia. **Research, Society and Development**, Aracaju, v. 10, n. 13, e547101321418, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i13.21418. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21418>. Acesso em: 21 nov. 2024.

MELO, V. L. *et al.* Morte e morrer na formação médica brasileira: revisão integrativa. **Revista Bioética**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 300-317, abr./jun. 2022. DOI: 10.1590/1983-80422022302526PT. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/qGGFJdGcTnwNZ8PmQTXSxnz/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SANTOS, T. F.; PINTARELLI, V. L. Educação para o Processo do Morrer e da Morte pelos Estudantes de Medicina e Médicos Residentes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 2, p. 5-14, 2019. DOI: 10.1590/1981-52712015v43n2RB20180058. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/wrHfwTmPgQrhFfDnr8n8x9s/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SARTORI, A. V.; BATTISTEL, A. L. H. T. A abordagem da morte na formação de profissionais e acadêmicos da enfermagem, medicina e terapia ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 25, n. 3, p. 497-508, 2017. DOI: 10.4322/2526-8910.ctoAO0770. Disponível em: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2526-8910.ctoAO0770>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SOUZA, T. I. M. *et al.* Sentimentos dos Estudantes de Medicina e Médicos Residentes ante a Morte: uma Revisão Sistemática. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 4, e178, 2020. DOI: 10.1590/1981-5271v44.4-20200082. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/Sc8cqggg9QyTJM95cLh7tkk/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2024.